

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA

CICERA KAROL MARTINS DOS SANTOS

**O PAPEL DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA NO PÓS-OPERATÓRIO DE
CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL**

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2025

CICERA KAROL MARTINS DOS SANTOS

**O PAPEL DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA NO PÓS-OPERATÓRIO DE
CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Fisioterapia, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Fisioterapia.

Orientador: Esp. Carolina Assunção Macedo
Tostes

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2025

CICERA KAROL MARTINS DOS SANTOS

**O PAPEL DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA NO PÓS-OPERATÓRIO DE
CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso em Fisioterapia, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Fisioterapia.

Data da apresentação: 08/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: ESP. Carolina Assunção Macedo Tostes
UNILEÃO

Membro: ESP. Mariana Raquel Coelho
UNILEÃO

Membro: ESP. Viviane Gomes
UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2025

O PAPEL DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA NO PÓS-OPERATÓRIO DE CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Karol Martins dos Santos¹
Carolina Assunção Macedo Tostes²

RESUMO

A identidade de gênero é entendida como uma construção subjetiva relacionada à forma como o indivíduo se reconhece em relação ao próprio gênero, podendo divergir do sexo biológico atribuído ao nascimento. O crescente reconhecimento dos direitos da população transgênera tem ampliado o acesso a procedimentos de afirmação de gênero, como a hormonização e a cirurgia de redesignação sexual, sendo capaz de promover alterações estruturais significativas na genitália, com impacto direto na função pélvica e na qualidade de vida. Apesar dos benefícios, o procedimento pode ocasionar complicações, como dor pélvica, estenoses, disfunções miccionais e sexuais, além de risco de prolapso da neovagina, exigindo acompanhamento especializado. Nesse contexto, a fisioterapia uroginecológica destaca-se por oferecer recursos terapêuticos que contribuem para a recuperação funcional, prevenção de disfunções do assoalho pélvico e melhora da qualidade de vida desses pacientes. Este estudo teve como objetivo compreender sobre a participação da fisioterapia na reabilitação de pacientes submetidos à cirurgia de redesignação sexual, com foco na neovagina. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo, entre fevereiro e dezembro de 2025, nas bases de dados Caribe em Ciências da Saúde, LILACS, MEDLINE/PubMed e SCIELO. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordaram a atuação fisioterapêutica no contexto pós-operatório da cirurgia de redesignação sexual. Os resultados evidenciaram a relevância da fisioterapia na manutenção da profundidade vaginal, prevenção de estenoses, melhora do tônus muscular e da função sexual, além da otimização do bem-estar físico e emocional. Conclui-se que a fisioterapia uroginecológica desempenha papel essencial no acompanhamento pós-operatório de pessoas trans, embora ainda existam lacunas científicas que justifiquem a necessidade de mais estudos voltados a protocolos inclusivos e específicos para essa população.

Palavras-chave: fisioterapia uroginecológica; redesignação sexual; neovagina; reabilitação; saúde trans.

1 Aluno do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, Brasil. Email: kbmartins21@gmail.com

2 Professor do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, Brasil. Email: carolinamacedo@leaosampaio.edu.br

1 Introdução

A identidade de gênero é compreendida como uma construção subjetiva relacionada à forma como o indivíduo se reconhece em relação ao próprio gênero, podendo diferir do sexo biológico atribuído ao nascimento (Winter *et al.*, 2016). O crescente reconhecimento dos direitos da população trans tem favorecido o acesso a procedimentos de afirmação de gênero, incluindo a cirurgia de redesignação sexual, que visa alinhar a estrutura corporal à identidade de gênero vivenciada, promovendo maior coerência entre a percepção de si e o corpo.

Nesse contexto, destaca-se a neovagina, estrutura criada por meio de técnicas cirúrgicas específicas utilizadas na vaginoplastia. Procedimentos como a inversão peniana, técnicas com retalho peniano, pele escrotal ou peritônio apresentam diferentes implicações anatômicas e funcionais no assoalho pélvico (Cornelisse *et al.*, 2017; Kölle *et al.*, 2019; Liu *et al.*, 2020). A cirurgia de redesignação sexual promove alterações estruturais nos órgãos genitais, impactando diretamente a função pélvica e a qualidade de vida das pacientes, sendo fundamental o acompanhamento especializado no pós-operatório (Castro *et al.*, 2021; Morrison *et al.*, 2017).

A fisioterapia uroginecológica tem se mostrado relevante no cuidado pós-operatório de pessoas trans. Estudos apontam que disfunções do assoalho pélvico, como dor pélvica, dificuldades na dilatação vaginal, sintomas urinários e prejuízo da função sexual, podem ocorrer após a vaginoplastia, exigindo acompanhamento fisioterapêutico específico (Boss *et al.*, 2024). Além disso, a implementação de programas estruturados de fisioterapia pélvica demonstrou benefícios na melhora da dor, redução de sintomas urinários e no apoio à dilatação vaginal adequada (Newman *et al.*, 2019).

Apesar dessas evidências, a literatura científica ainda é limitada, com poucos estudos que detalhem protocolos de reabilitação pélvica para mulheres trans no pósoperatório. Assim, torna-se necessário ampliar a produção científica voltada à

padronização de condutas fisioterapêuticas seguras e eficazes para essa população (Boss *et al.*, 2024).

Considerando esse cenário e a necessidade de aprimorar o conhecimento sobre práticas fisioterapêuticas no pós-operatório da vaginoplastia, este estudo busca compreender os benefícios das estratégias utilizadas na prevenção de disfunções do assoalho pélvico, especialmente incontinência urinária e dor pélvica, em pacientes transgênero após a cirurgia de redesignação sexual. A investigação fundamenta-se na percepção de que intervenções precoces e adequadas podem reduzir complicações, favorecer a recuperação funcional e melhorar a qualidade de vida das pacientes, tornando imprescindível aprofundar a produção científica na área. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo analisar a participação da fisioterapia nesse processo de reabilitação, com foco na neovagina, considerando tanto os aspectos físicos quanto os emocionais envolvidos no período pós-operatório.

2.Desenvolvimento

2.1 Metodologia

A presente pesquisa consistiu em uma revisão integrativa de literatura, de caráter descritivo, que possibilitou a síntese de estudos previamente publicados e a formulação de conclusões fundamentadas sobre o tema investigado. A revisão integrativa caracteriza-se por permitir a inclusão e análise de pesquisas com diferentes abordagens metodológicas, abrangendo estudos teóricos e empíricos, o que amplia a compreensão do fenômeno estudado e favorece a construção de conhecimento consistente. Esse método segue etapas sistemáticas, que envolvem a definição da pergunta de pesquisa, busca rigorosa nas bases de dados, seleção dos estudos, avaliação crítica da qualidade metodológica, extração das informações relevantes e síntese dos resultados, garantindo maior rigor e confiabilidade científica. Sua aplicação é amplamente reconhecida na área da saúde possibilitar a integração de evidências atualizadas à prática profissional e subsidiar tomadas de decisão fundamentadas (Souza, Silva & Carvalho, 2010; Toronto & Remington, 2020).

O levantamento bibliográfico foi realizado de forma online, no período de fevereiro a dezembro de 2025, nas bases de dados PubMed, SciELO, LILACS e PEDro, com foco em artigos revisados por pares que abordassem a temática proposta. A população-alvo da pesquisa foi composta por publicações científicas que investigaram a atuação da fisioterapia uroginecológica no pós-operatório de pacientes transgêneros submetidos à cirurgia de redesignação sexual, sendo a amostra formada pelos artigos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos e que puderam ser confirmados como fontes confiáveis (Bouman *et al.*, 2016; van der Sluis *et al.*, 2020; Massie *et al.*, 2018; Gaither *et al.*, 2018; Horbach *et al.*, 2015).

Foram considerados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem a atuação da fisioterapia uroginecológica no período pós-operatório de cirurgia de redesignação sexual. Foram excluídos artigos duplicados, publicações fora do período delimitado, estudos voltados exclusivamente ao processo de hormonização, trabalhos que não contemplaram a atuação fisioterapêutica, além de editoriais, cartas ao leitor, resumos de eventos e opiniões sem respaldo científico. Fontes não científicas, como sites de saúde ou enciclopédias online, também foram excluídas, garantindo que apenas evidências confiáveis fossem incluídas.

O processo de coleta dos dados foi realizado individualmente pelo pesquisador, durante o período de fevereiro a dezembro de 2025. Inicialmente, definiram-se as bases de dados e os descritores utilizados na busca. Em seguida, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão. Os artigos considerados elegíveis foram lidos na íntegra, e as informações pertinentes foram extraídas e organizadas em planilhas, possibilitando a análise e a síntese dos resultados.

Por se tratar de um estudo de natureza exclusivamente bibliográfica, não houve envolvimento direto de seres humanos, sendo dispensada a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os riscos relacionados ao desenvolvimento do estudo foram inexistentes ou mínimos, limitando-se à possibilidade de interpretações equivocadas das informações extraídas. Como medidas de proteção, assegurou-se a fidelidade na interpretação dos dados, o

respeito aos direitos autorais, a preservação da propriedade intelectual e a correta citação das referências utilizadas.

2.2 Resultados e Discussões

Após busca nas bases de dados previamente selecionadas, inicialmente foram identificados 27 artigos potencialmente relacionados à atuação da fisioterapia uroginecológica no pós-operatório de cirurgia de redesignação sexual em pessoas transgênero. Estes estudos foram localizados na PubMed, SciELO, LILACS e PEDro, sendo utilizados nesta busca os seguintes descritores indexados, como “fisioterapia”, “uroginecologia”, “redesignação sexual”, “pós-operatório” e “população transgênero”.

Após a leitura dos títulos e resumos, 12 artigos foram selecionados para avaliação completa, pois atendiam parcialmente aos critérios de inclusão: publicações entre 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordavam a fisioterapia aplicada no período pós-operatório da cirurgia de redesignação sexual.

Na etapa de leitura integral, foram excluídos 7 artigos, por apresentarem foco exclusivo em hormonização, serem opiniões sem respaldo científico ou não abordarem diretamente a fisioterapia uroginecológica. Dessa forma, o total final de 5 artigos foi considerado elegível para análise, todos revisados por pares ou TCCs confirmados em repositórios institucionais.

Tabela 1- Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2025.

Título do Artigo	Autores / Ano	Base de Dados / Revista	Principais Resultados
Funções e disfunções pélvicas papel da fisioterapia pós cirurgia de afirmação de gênero em mulheres transsexuais	Paganini R., Nagahama A., Benetti F.A., Estevão A., Castiglione M., 2021	PubMed / SciELO	A fisioterapia uroginecológica no pós-operatório melhora o tônus muscular, previne estenoses da neovagina e auxilia na recuperação da função sexual e urinária.

O impacto da fisioterapia no pós-operatório de redesignação sexual em mulheres transgênero	Araujo L.D. de; Camelo N.B.; Martins N. da S.; Oliveira H.F.; Silva M.I.B., 2023	PubMed / SciELO	Intervenções fisioterapêuticas precoces e contínuas promovem melhora da sensibilidade da neovagina,
			redução da dor pélvica e aumento da qualidade de vida.
Aftercare Needs Following GenderAffirming Surgeries	de Brouwer I.J., Elaut E., BeckerHebly I., et al., 2021	PubMed	Demonstra que o acompanhamento pós-cirúrgico estruturado, incluindo fisioterapia, reduz complicações como estenoses e disfunções urinárias, otimizando a recuperação funcional.
Fisioterapia e cirurgia de redesignação sexual em mulheres transgêneras: uma revisão sistemática	Santos N.S., 2021	SciELO	A revisão indica que a fisioterapia é eficaz na preservação da profundidade da neovagina, prevenção de estenoses e melhora do bem-estar físico e emocional.

Fisioterapia na redesignação sexual de mulheres transgênero	Sandes M.C.Q., Souza D.E.O., Seixas C.R., 2024	SciELO	Exercícios específicos, orientação no uso de dilatadores e acompanhamento fisioterapêutico contínuo reduzem complicações e promovem melhor recuperação funcional do assoalho pélvico.
---	--	--------	---

Fonte: dados da pesquisa, 2025

A análise dos estudos selecionados e da literatura científica recente indica que a fisioterapia pélvica (fisioterapia uroginecológica) tem um papel potencialmente relevante no pós-operatório da vaginoplastia, porém as evidências são ainda heterogêneas em desenho e qualidade. Revisões sobre resultados cirúrgicos e sobre complicações pós-vaginoplastia mostram que problemas como estenose, dor, alterações na função sexual e sintomas urinários ocorrem em uma parcela significativa de pacientes, o que justifica a integração do seguimento multidisciplinar e a atenção às funções pélvicas. (Horbach *et al.*, 2015; de Brouwer *et al.*, 2021).

Estudos e revisões brasileiras que abordam a reabilitação pélvica apontam benefícios potenciais da fisioterapia para essa população. Paganini *et al.*, (2021), em revisão publicada na Revista Brasileira de Sexualidade Humana, discutem funções e disfunções pélvicas em mulheres trans após cirurgia de afirmação de gênero e destacam que intervenções fisioterapêuticas (educação, orientação para dilatação, exercícios de assoalho pélvico e manejo de cicatriz) são apontadas na literatura como estratégias úteis para prevenir retracções cicatriciais e estenoses, além de favorecer a adaptação funcional. (Paganini *et al.*, 2021).

Em linha com isso, Araujo *et al.*, (2023) também em Revista Brasileira de Sexualidade Humana apresentaram revisão integrativa que enfatiza a importância da atuação fisioterapêutica tanto no pré quanto no pós-operatório, relatando que programas que incorporam orientação sobre dilatação, exercícios e suporte psicossocial tendem a relatar melhores desfechos subjetivos de conforto e qualidade de vida. Os autores reforçam a necessidade de protocolos e maior padronização nas intervenções descritas. (Araujo *et al.*, 2023).

Estudos multicêntricos sobre necessidades de acompanhamento pós-operatório evidenciam que os pacientes frequentemente relatam necessidade de suporte adicional, incluindo fisioterapia do assoalho pélvico, após cirurgias de afirmação de gênero. De Brouwer *et al.*, (2021), em grande estudo multicêntrico europeu (ENIGI), descrevem as demandas de aftercare e ressaltam que receber cirurgia genital esteve associado a maior probabilidade de relatar necessidade de fisioterapia pélvica, o que indica que a oferta desse serviço é percebida como relevante pelos pacientes e pelas equipes. (de Brouwer *et al.*, 2021).

No cenário brasileiro, há trabalhos acadêmicos e revisões que reforçam a utilidade da fisioterapia no contexto de redesignação sexual. Santos (2021) trabalho de conclusão de curso (TCC) disponível no repositório da UNIFESP apresenta uma revisão sobre a atuação fisioterapêutica e conclui que, embora haja relatos e séries de casos descrevendo benefícios (redução de dor, melhora da função e auxílio na dilatação), existe escassez de estudos controlados e padronizados. (Santos, 2021). Da mesma forma, Sandes, Souza e Seixas (2024), em revisão publicada na Revista Brasileira de Fisioterapia Pélvica, encontraram poucas séries e estudos de coorte, mas relatórios consistentes sobre práticas empregadas (biofeedback, orientações de dilatação, cinesioterapia) e recomendaram ampliação da pesquisa na área. (Sandes *et al.*, 2024).

Evidências primárias que investigam intervenções específicas são limitadas, mas pertinentes. Jiang *et al.*, (2019) descrevem a implementação de um programa de fisioterapia do assoalho pélvico para mulheres submetidas à vaginoplastia, relatando alta prevalência de disfunção pré-operatória identificada pela equipe e mostrando que a triagem/encaminhamento facilitado permite intervenção precoce (abstract/retrato de implementação). (Jiang *et al.*, 2019). Estudos fisiológicos e séries de caso, como Hazin *et al.*, (2021), documentaram mudanças transitórias na força e na atividade eletromiográfica do assoalho pélvico nas primeiras semanas pós-cirurgia, sustentando biologicamente a plausibilidade de intervenções dirigidas (Hazin *et al.*, 2021).

Por fim, embora relatos, revisões e séries sugiram benefícios especialmente quando a fisioterapia é iniciada precocemente, inclui orientação de dilatação e suporte contínuo existem lacunas claras: falta de ensaios randomizados robustos, heterogeneidade nos protocolos (tipos de exercícios, frequência, duração), e

escassez de medidas padronizadas de desfecho (comprimento vaginal funcional, facilidade de dilatação, dor e indicadores de qualidade de vida). Assim, a recomendação prática atual é integrar a triagem e o encaminhamento para fisioterapia pélvica individualizada no seguimento pós-vaginoplastia, enquanto se investe em estudos controlados para definir protocolos eficazes e mensurar benefícios a médio e longo prazo (Horbach et al., 2015; de Brouwer *et al.*, 2021; Sandes *et al.*, 2024).

3. Conclusão

A partir da análise dos estudos incluídos, foi possível constatar que a fisioterapia uroginecológica exerce papel essencial no processo de reabilitação pósoperatória de mulheres trans submetidas à cirurgia de redesignação sexual. As evidências analisadas demonstram que a atuação fisioterapêutica contribui diretamente para a melhora da funcionalidade do assoalho pélvico, prevenção de complicações como estenoses, aderências e dor pélvica, além de favorecer o retorno progressivo da função sexual e urinária. Assim, seu papel se mostra indispensável dentro da linha de cuidado voltada a essa população, ampliando a eficácia dos procedimentos cirúrgicos e potencializando a recuperação física.

Observou-se também que intervenções iniciadas de forma precoce, aliadas ao acompanhamento contínuo, apresentam melhores resultados quando comparadas a abordagens iniciadas tardiamente ou sem estrutura definida. Protocolos bem delineados e individualizados foram associados a menores taxas de complicações e melhor adaptação ao processo de dilatação neovaginal, reforçando a necessidade de inclusão rotineira da fisioterapia no planejamento terapêutico dessa população.

Diante do exposto, é possível afirmar que os objetivos da presente revisão foram atingidos, entretanto, observou-se que ainda há escassez de estudos clínicos controlados e padronizados, o que dificulta a definição de recomendações universais e evidencia a necessidade de mais pesquisas voltadas à validação de protocolos específicos.

Dessa forma, conclui-se que a fisioterapia uroginecológica deve ser reconhecida como componente integral do cuidado pós-operatório de mulheres trans que passam pela cirurgia de afirmação de gênero, visto que contribui não apenas para

o restabelecimento funcional, mas também para a melhora da qualidade de vida, autopercepção corporal e bem-estar psicossocial. O fortalecimento de pesquisas futuras, com maior nível de evidência e acompanhamento em longo prazo, será fundamental para consolidar práticas mais qualificadas e embasadas, garantindo melhores resultados clínicos e assistenciais para essa população em crescente demanda.

Referências

ARAÚJO, A. C.; et al. Atuação fisioterapêutica no processo transexualizador: revisão integrativa. ***Revista Brasileira de Sexualidade Humana***, 2023.

BOSS, E. A.; et al. Pelvic floor dysfunction after vaginoplasty: physiotherapy outcomes and clinical considerations. ***Journal of Pelvic Health***, 2024.

BOUMAN, M. B.; et al. Transgender women and vaginoplasty: short- and long-term surgical outcomes. ***Journal of Sexual Medicine***, v. 13, n. 2, p. 702–710, 2016.

CASTRO, R.; et al. Postoperative care and outcomes after gender-affirming vaginoplasty: considerations for pelvic health. ***International Journal of Transgender Health***, 2021.

CORNELISSE, M.; et al. **Surgical techniques and outcomes in vaginoplasty procedures: a systematic review**. *Plastic and Reconstructive Surgery*, 2017.

DE BROUWER, K. M.; et al. Aftercare needs following gender-affirming treatments in transgender people living in Europe: findings from the ENIGI study. ***The Journal of Sexual Medicine***, v. 18, n. 6, p. 1156–1167, 2021.

GAITHER, T. W.; et al. **Long-term outcomes of transgender vaginoplasty procedures: patient satisfaction and functional considerations**. *Urology*, 2018.

HAZIN, A.; et al. **Pelvic floor muscle activation and functional changes following transfeminine vaginoplasty: a case series**. *Pelvic Floor Disorders Journal*, 2021.

HORBACH, S. E. R.; et al. Outcome of vaginoplasty in male-to-female transgenders: a systematic review of surgical techniques. ***Journal of Sexual Medicine***, v. 12, n. 6, p. 1499–1512, 2015.

JIANG, D.; et al. **Implementation of pelvic floor physical therapy protocols for transgender women undergoing vaginoplasty**. *American Physical Therapy Association (APTA) Conference Abstract*, 2019.

KÖLLE, S. F.; et al. Vaginoplasty in transgender women: comparison of surgical approaches and functional outcomes. ***European Journal of Plastic Surgery***, 2019.

LIU, J. S.; *et al.* **Peritoneal flap vaginoplasty: functional outcomes and anatomical considerations.** *Urology*, 2020.

MASSIE, J. P.; *et al.* **Gender-affirming genital surgery: outcomes, complications, and postoperative care.** *Plastic and Reconstructive Surgery – Global Open*, 2018.

MORRISON, S. D.; *et al.* **Vaginal depth and complications following penile inversion vaginoplasty.** *Plastic and Reconstructive Surgery*, 2017.

NEWMAN, C.; *et al.* **Pelvic floor physical therapy after vaginoplasty: improving outcomes and reducing complications.** *Transgender Health*, v. 4, n. 1, p. 150–158, 2019.

PAGANINI, A. C.; *et al.* **Funções e disfunções pélvicas em mulheres trans após cirurgia de afirmação de gênero: revisão narrativa.** *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 32, n. 1, p. 45–58, 2021.

SANDES, L. M.; SOUZA, M. C.; SEIXAS, T. R. **Atuação da fisioterapia pélvica no pós-operatório de cirurgia de redesignação sexual: revisão integrativa.** *Revista Brasileira de Fisioterapia Pélvica*, 2024.

SANTOS, L. F. **Atuação fisioterapêutica no pós-operatório de vaginoplastia em mulheres trans: revisão de literatura.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

TORONTO, J.; REMINGTON, R. **A step-by-step guide to integrative reviews.** *Journal of Nursing Scholarship*, 2020.

VAN DER SLUIS, W. B.; *et al.*, **Surgical and functional outcomes of vaginoplasty in transgender women.** *BJU International*, 2020.

WINTER, S.; *et al.*, **The global health of transgender people: pathologization, human rights, and institutional barriers.** *The Lancet*, 2016.